

REMINISCÊNCIAS DE LOUREIRO FERNANDES

Aryon Dall'Igna Rodrigues*

INTRODUÇÃO

O dr. José Loureiro Fernandes foi, sem dúvida, uma das personalidades mais marcantes do desenvolvimento cultural do Paraná em meados do século XX. Foi um extraordinário empreendedor de realizações importantes, especialmente na área das ciências humanas. Embora médico, com clínica urológica bem estabelecida em Curitiba, liderou o desenvolvimento dos estudos antropológicos. Aliás, sua primeira publicação científica nesta área associava a experiência e o interesse do médico com o estudo dos povos indígenas: “Notas hematológicas sobre os Caingangues de Palmas”, veiculada na *Revista Médica do Paraná*, Ano 8, n. 1/2, 1939, em que expunha os resultados da identificação dos tipos sanguíneos da comunidade de índios Kaingáng do sudoeste do Paraná e, que logo se destacou na escassa bibliografia brasileira de estudos bioantropológicos. Provavelmente foi também a sua situação de *doublé* de médico bem estabelecido e de pesquisador das ciências humanas, que lhe permitiu vencer em vários momentos a inércia de uma sociedade extremamente conservadora, dominada fortemente por um catolicismo beato e inibidor da criatividade cultural inovadora. Mas ele mesmo era católico, bem relacionado com o arcebispo metropolitano e um dos dirigentes do Círculo de Estudos Bandeirantes, onde se reuniam os intelectuais católicos mais conservadores. Certamente era dotado de particular habilidade para conciliar o trato com esse ramo da intelectualidade católica e o desenvolvimento de uma base institucional para as ciências e, mais particularmente, para as ciências humanas. Loureiro Fernandes deu início ou participou de numerosos empreendimentos culturais, a maioria dos quais visava à institucionalização da pesquisa científica no Paraná, como a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e a instituição dentro desta do Departamento de Antropologia, a reativação do Museu Paranaense, a criação da Comissão Paranaense de Folclore, a criação

* Da Universidade de Brasília.

do Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFPR, a criação do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas e o Museu de Arqueologia e Artes Populares, hoje Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, em Paranaguá.

MEMÓRIA 1

Colaborei com o dr. José Loureiro, ou com empreendimentos dele, em várias ocasiões, mas não cheguei a conhecê-lo muito bem. Não fui seu aluno, nunca assisti a uma aula sua. No período de 1947 a 1950, quando estudei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, em Curitiba, fiz o curso de Letras Clássicas, cujo currículo, dentro do modelo estanque da reforma Capanema, herdado do Estado Novo, não comportava nenhuma interdisciplinaridade. Mas minha participação em empreendimentos do dr. Loureiro antecedeu a situação de aluno da faculdade. O primeiro desses empreendimentos em que tomei conhecimento de sua presença foi a reativação e reorganização do Museu Paranaense, que passou a dirigir em 1937 com o apoio do zoólogo pe. Jesus Santiago Moure, do botânico Carlos Stellfeld, do historiador Artur Martins Franco e de outros estudiosos, alguns dos quais souberam atrair jovens estagiários voluntários, como Rudolf Bruno Lange, Ralph Hertel, Heitor Rodrigues Jr., Gert Hatschbach e outros. Foi Heitor, meu irmão mais velho, que, por volta de 1940, me levou à biblioteca do museu, a qual passei a freqüentar em busca de publicações sobre línguas indígenas sul-americanas, depois de já ter explorado bastante a Biblioteca Pública do Paraná. Coincidentemente, Rosário Farâni Mansur Guérios, um dos pioneiros dos estudos lingüísticos no Brasil e de quem eu era aluno de Português no Ginásio Paranaense, também integrava o grupo de pesquisadores reunido no museu, como responsável pelo Setor Lingüístico deste. Uma das importantes iniciativas da administração daquela instituição, nessa época, foi a criação de uma publicação científica, os *Arquivos do Museu Paranaense*, cujo primeiro volume saiu em 1941 e, além de um estudo etnográfico e histórico de Loureiro Fernandes sobre os índios Kaingáng de Palmas e de outras colaborações nas áreas de zoologia, botânica, geologia e história, trouxe também um estudo de Mansur Guérios sobre tabus lingüísticos. No ano seguinte, 1942, Mansur Guérios estimulou, com o assentimento do dr. Loureiro, a publicação de um trabalho meu no segundo volume dos *Arquivos*, "O artigo definido e os numerais na língua Kirirí - vocabulários Kirirí-Português e Português-Kirirí", e nesse mesmo volume Guérios publicou seus "Estudos sobre a língua

Caingangue”. Tive mais uma acolhida nesse empreendimento de Loureiro Fernandes no volume 4, publicado em 1945, com um estudo sobre “Diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani”, e ainda prestei uma colaboração na organização dos dados lingüísticos da língua Mundurukú, do espólio do missionário franciscano frei Hugo Mense, publicado no volume 6 dos *Arquivos*, em 1947, com apresentação de Mansur Guérios e sob o título “Língua Mundurucu: vocabulários especiais - vocabulários Apalaí, Uiabói e Maué”. Os *Arquivos do Museu Paranaense* tornavam-se um veículo científico francamente aberto aos estudos sobre as línguas indígenas, a exemplo da *Revista del Museo de la Plata* e da *Revista del Instituto de Etnologia de la Universidad Nacional de Tucumán*, ambas na Argentina, da *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay* e, no Brasil, da *Revista do Museu Paulista*. Nos *Arquivos* foram publicados ainda outros trabalhos de Mansur Guérios (sobre as línguas Xoklém e Kamakã) e da austríaca Wanda Hanke (sobre Xoklém e Kaingáng).

MEMÓRIA 2

Quando em 1947 me tornei aluno do Curso de Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, passei a relacionar-me não só com os professores e colegas dessa área, mas também com colegas e professores de outras áreas, como a de Geografia e História e a de História Natural. Um aluno de Geografia e História era o Oldemar Blasi, tão interessado em pesquisa etnográfica quanto eu. Nessa altura, o dr. Loureiro Fernandes, que era o professor de Antropologia naquele curso, criou o Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, para o qual o Blasi e eu passamos a trabalhar como pesquisadores voluntários. Uma iniciativa de Loureiro Fernandes no início da década de 1950 foi com a pesquisa dos sambaquis, os monumentos arqueológicos mais proeminentes do litoral sul. Trouxe para o Instituto de Pesquisas o arqueólogo iugoslavo Adam Orssich de Slavetich e sua esposa tcheca, também arqueóloga, Elfriede Stadler Orssich, os quais, com experiência em sítios arqueológicos romanos na Europa e sítios do Oriente Próximo, empreenderam escavações para estudo estratigráfico de um grande sambaqui no município de Guaratuba. Como, além de Oldemar Blasi, não havia outro candidato a auxiliar de pesquisa, eu me ofereci e assim fiquei conhecendo esse trabalho de resgate cultural, realizado no início de 1952. Como Loureiro não pôde acompanhar os trabalhos, delegou essa função ao nosso professor de cultura clássica romana, Fernando Corrêa de Azevedo.

MEMÓRIA 3

Com o dinamismo que o distinguia, assumiu o dr. Loureiro, por essa época, também a Sub-Comissão Paranaense de Folclore, subordinada à Comissão Nacional de Folclore, coordenada no Rio de Janeiro pelo diplomata Renato de Almeida do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, o IBECC. Passei a freqüentar as reuniões daquela comissão, que era integrada por vários intelectuais de Curitiba, entre os quais Fernando Corrêa de Azevedo, que era meu professor de língua e cultura latinas no curso de Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, mas que estudava manifestações folclóricas do litoral paranaense. Na área do folclore, com o apoio do diretor do Instituto de Pesquisas da UFPR, que era Loureiro, empreendi pesquisa de campo para documentar fenômenos de cultura popular em diversas áreas do Paraná, em geral em associação com Fernando Corrêa de Azevedo: no litoral - Matinhos, Caiobá, Ilhas da Cotinga e dos Medeiros na Baía de Paranaguá - e no interior - na Lapa, em Guarapuava e no município de Cerro Azul - e também em Curitiba. Dessas pesquisas resultaram os três trabalhos que apresentei no II Congresso Nacional de Folclore, organizado por Loureiro em 1953, em comemoração do Centenário do Estado do Paraná: *Autos dramáticos paranaenses*, *Notas sobre o Vale do Bom Sucesso* e *Adivinhas de Curitiba*. Foi por essa época, sobretudo quando fui observar as congadas da Lapa, que conheci o engenheiro tcheco Vladimír Kozák, extraordinário fotógrafo e cinegrafista dotado de particular sensibilidade para os fatos culturais e que teve um papel importantíssimo em vários empreendimentos etnográficos de Loureiro Fernandes.

MEMÓRIA 4

Viajei para a Europa no início de 1955 para estudar lingüística na Alemanha. Quando morava em Hamburgo, Loureiro Fernandes me escreveu, pedindo que providenciasse equipamento para instalar, no futuro Departamento de Antropologia, um espaço adequado para a gravação da voz e para o trabalho com as línguas indígenas. Em consulta com o técnico do Laboratório de Fonética da Universidade de Hamburgo foi elaborado um projeto de câmara acusticamente neutra, que enviei a Loureiro, o qual providenciou a execução desse projeto dentro do seu departamento. Também me enviou dinheiro para a compra de bom equipamento para a gravação em trabalho de campo, tendo eu adquirido e trazido pessoalmente em minha volta um dos melhores

aparelhos que então eram fabricados - um gravador com motor de corda de precisão, o Butoba, produzido pela firma Burger da Floresta Negra. Defendi minha tese de doutorado em fevereiro de 1959 e fiquei na Universidade de Hamburgo, como assistente científico do Departamento de Línguas e Culturas Africanas (Seminar für afrikanische Sprachen und Kulturen). Sabendo que eu havia concluído o doutorado, Loureiro me escreveu, convidando-me a voltar para a Universidade Federal do Paraná, para ensinar lingüística no curso de Letras e para trabalhar com as línguas indígenas no Departamento de Antropologia. Acrescentou que havia conversado sobre isso com o reitor (que era ainda Flávio Suplicy de Lacerda, que, em 1954, me havia negado qualquer possibilidade de ajuda da universidade para a compra de minha passagem para a Alemanha) e que este lhe assegurara que eu seria contratado para trabalhar em tempo integral. Diante disso, deixei Hamburgo em dezembro de 1959 e, em janeiro de 1960, depois de ter estado no Rio de Janeiro com o lingüista Mattoso Câmara Jr. e com o antropólogo Darcy Ribeiro e, em São Paulo, com o antropólogo e diretor do Museu Paulista Herbert Baldus - o qual me convidou a trabalhar naquele museu, no caso de que a proposta de Loureiro não se efetivasse - encontrei-me com Loureiro em Curitiba, o qual imediatamente marcou audiência com o reitor. Este confirmou tudo o que me havia exposto Loureiro e marcou uma data para eu ir assinar o termo de contrato. Quando cheguei à Reitoria para esse fim, o contrato já lavrado que me apresentaram era para trabalho em tempo parcial. Não assinei e fui informar disso Loureiro, que ficou irritadíssimo e telefonou imediatamente ao reitor e deste ouviu que se tratava de um engano de seu secretário e que novo contrato seria elaborado, nos termos acertados. Quando fui chamado para assinar este, o secretário me apresentou o mesmo de antes, declarando-me que não existia a possibilidade de fazer como o reitor tinha prometido. Voltei sem assinar e já pensando em reentrar em contacto com Baldus, mas Loureiro acabou conseguindo acertar a situação. Na época havia somente cinco professores em tempo integral na Universidade Federal do Paraná e eu passei a ser o sexto (o reitor retinha a verba disponível para o regime de tempo integral, para que essa ao final do ano caísse num “fundo universitário”, que podia no ano seguinte ser remanejado para outros fins, como a expansão da planta física da universidade).

MEMÓRIA 5

Assumi dois compromissos docentes: ensinar Lingüística Geral

nos cursos de Letras (Clássicas, Neolatinas e Anglo-germânicas) e ensinar Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani no curso de Geografia e História. A área de Letras me concedeu um gabinete próprio - o Gabinete de Lingüística Geral -, enquanto que Loureiro me fez nomear vice-chefe do Departamento de Antropologia, departamento no qual já me esperavam prontas as instalações para o trabalho com as línguas indígenas. Naquela curiosa disciplina de "Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani", criada por lei federal alguns anos antes e destinada exclusivamente aos estudantes de geografia e história (segundo um modelo criado havia vinte e cinco anos na Universidade de São Paulo), passei a transmitir conhecimentos sobre os povos indígenas do Brasil e a ensinar um pouco da estrutura gramatical do Tupinambá ou Tupi antigo. Para o Departamento de Antropologia fiz viagem de coleta de material etnográfico junto aos índios Kaingáng de Guarapuava e de Laranjeiras do Sul. Uma outra contribuição que tive ocasião de dar ao Departamento de Antropologia, atendendo a solicitação de Loureiro, foi a organização de uma das exposições abertas ao público, a do ano de 1961, para a qual escolhi o tema *Os índios e suas línguas*. Para essa exposição tive a colaboração de Rodolpho Doubek, o artista tcheco, que então cooperava como cartógrafo com o Departamento de Geologia de João José Bigarella e Riad Salamuni, e que executou os painéis com que procurei transmitir conhecimentos ao público, entre os quais o grande painel que dava uma idéia da diversidade das línguas indígenas do Brasil. Colaborou também nesse empreendimento Vladimír Kozák, igualmente tcheco, como mencionei anteriormente, o qual realizou fotografias ampliadas dos frontispícios de algumas obras clássicas sobre as línguas indígenas brasileiras, como as gramáticas dos séculos XVI e XVII.

MEMÓRIA 6

Enquanto eu estava na Alemanha, tornou-se evidente a existência de índios desconhecidos no noroeste do Paraná, na região chamada Serra dos Dourados, então objeto de ocupação e desmatamento por companhias de terras e colonização. Em fevereiro de 1956 Loureiro Fernandes, acompanhado de Kozák e outros, entrou em contacto com um grupo de cerca de 60 pessoas entre homens, mulheres e crianças (FERNANDES, 1959, p. 31). O encontro foi registrado em fotografia e em filme cinematográfico por Kozák, mas foi interrompido por iniciativa de Loureiro, que considerou ter de retornar a Curitiba após três dias de contato, de 20 a 22 de fevereiro de 1959

(KOZÁK, 1981, p. 29). Infelizmente, apesar de sucessivas tentativas, esse grande grupo nunca mais foi encontrado, tendo, provavelmente, sido exterminado pelo interesse dos que promoviam a venda das terras por eles habitadas (entre os principais promotores dessas vendas estavam os governadores do Paraná, Moysés Lupion, e de São Paulo, Ademar de Barros). Ao chegar em Curitiba, fui posto ao corrente dessa situação por Kozák, que considerava imperativo fazer mais esforços para reencontrar aqueles índios, aos quais Loureiro tinha atribuído o nome *Xetá* (FERNANDES, 1959, p. 30; LOUKOTKA, 1960, p. 329). Com o assentimento deste, que nos facultou o uso de transporte por conta do Instituto de Pesquisas que dirigia, segui em julho de 1960 com Kozák e o jovem índio Tuca, que já falava o Português e estava bem escolarizado numa das escolas públicas de Curitiba (G. E. Silva Jardim); passamos pela reserva indígena de Rio Cinza, onde o Serviço de Proteção aos Índios tinha colocado dois adultos do mesmo povo, Nhangó e Mã, e um menor, filho deste último, e levamos conosco os três, sendo que os dois homens nos guiarão na busca de seus parentes. Após alguns dias de busca, demos com duas famílias que estavam vivendo sozinhas na floresta, numa pequena aldeia em forma de elipse, com duas minúsculas casinhas, uma em cada extremidade da elipse. Um dos casais tinha um filho e uma filha e o outro apenas um filho. Eram ao todo sete pessoas. Esses dois casais foram os últimos do povo *Xetá* que tentavam sobreviver na mata com seus filhos. Nunca mais se teve notícia de outros vivendo nas florestas que vinham sendo derrubadas e queimadas aceleradamente e que já vinham dando lugar a uma paisagem semidesertificada. Informado de nosso encontro com esses dois casais, Loureiro foi ao nosso encontro, mas não pôde ficar muitos dias, pois se viu afetado por fortíssima reação alérgica às picadas dos mosquitos. Suponho que a hipersensibilidade que apresentava às picadas tenha sido um dos fatores que o teriam levado, em 1956, a precipitar o retorno a Curitiba e a interrupção do encontro com o grupo maior de índios *Xetá*. Voltamos à pequena aldeia, Kozák, Tuca e eu, já em setembro do mesmo ano, na Semana da Pátria, e ficamos até o fim do mês e depois mais uma vez em janeiro-fevereiro de 1962.

ALTOS E BAIXOS

Loureiro Fernandes estimulou de várias formas e, mais especificamente as pesquisas etnográficas, inclusive as de etnografia popular ou folclore, as pesquisas arqueológicas e as pesquisas sobre línguas

indígenas. Dado o estado incipiente da prática dessas pesquisas, uma forma que utilizou reiteradamente para desenvolvê-las foi a convocação de pesquisadores estrangeiros, como fez com a arqueologia, trazendo para o Paraná especialistas como Adam e Elfriede Orsich, Annette Emperaire, Wesley Hurt. Em certo momento, no final da década de 1940, procurou atrair para a Universidade do Paraná o famoso antropólogo francês Paul Rivet, que no após-guerra pretendia transferir-se para a América do Sul, trazendo consigo sua biblioteca e arquivo, mas que, depois de algumas negociações, acabou optando por Bogotá, na Colômbia. Favoreceu a permanência no Paraná do geólogo e geógrafo alemão Reinhard Maack, tendo sido, enquanto diretor do Museu Paranaense, o fiador do mesmo junto às autoridades federais durante o período da Grande Guerra, possibilitando assim que o mesmo fosse liberado da Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, que era o presídio de internação de cidadãos dos países do Eixo detidos no Brasil quando este declarou guerra à Alemanha, à Itália e ao Japão. Com o apoio de Loureiro, Maack pôde ter o Museu Paranaense como menagem e base para suas pesquisas científicas, que originalmente estavam voltadas para comparar a geologia do sudoeste da África, que já tinha estudado no território que hoje é a Namíbia, com a do sul do Brasil, especialmente do Paraná, em verificação da teoria da coalescência dos continentes africano e sul-americano. Não cheguei a saber se houve uma relação análoga com outro pesquisador alemão, Günter Tessmann, famoso por suas contribuições etnográficas na África (Fernando Pó) e no Peru, autor da monumental obra *Die Indianer Nordost-Perus*, publicada em Hamburgo, 1930, o qual também se estabeleceu por algum tempo no Museu Paranaense. Embora então mais interessado em botânica, parece-me que forneceu ao Museu uma coleção de produtos cerâmicos de índios Pano da Amazônia peruana. Na mesma época, entretanto, Loureiro passou a ser detestado, senão odiado, por outro pesquisador alemão, Guilherme Tiburtius, que morava havia muitos anos em Curitiba, onde tinha sua família e uma pequena indústria de artefatos de madeira, e era um arqueólogo amador, que montou anexo a sua residência um notável museu com peças culturais encontradas nos sambaquis do litoral do Paraná e de Santa Catarina. Segundo a versão que alcancei, Loureiro, prevalecendo-se das normas autoritárias então baixadas sobre os bens de cidadãos de países do Eixo, tinha procurado fazer destituir Tiburtius de sua magnífica coleção acumulada durante anos de esforço pessoal, para incorporá-la a uma instituição oficial, sem dar a seu proprietário o acesso à mesma, pois este não seria um cientista, mas um mero amador. A questão acabou bem para Tiburtius, que conseguiu manter em suas

próprias instalações a coleção, mas que, apesar de cômico da conveniência de preservá-la numa instituição, negou-se a cedê-la para as que estavam sob o controle de Loureiro e, depois de ter resistido a propostas do exterior, negociou-a com a cidade de Joinville, em Santa Catarina, onde hoje está incorporada ao Museu do Sambaqui. Durante os últimos anos em que esteve em Curitiba, a coleção foi visitada e estudada por vários especialistas, tendo sido valorizada principalmente pelo geólogo João José Bigarella e sua esposa, a antropóloga Íris Koehler, os quais produziram várias publicações técnicas assinadas juntamente com Guilherme Tiburtius. Aliás, outro pesquisador que, apesar de ter sido um dos principais, senão o mais importante colaborador de Loureiro, passou a detestá-lo por sentir-se utilizado e não valorizado, já que não era considerado um “cientista”, mas um mero técnico, o “cine-técnico da Universidade do Paraná”, foi Vladimír Kozák. Fora os filmes e as fotografias, todo o conhecimento acumulado por Kozák não só junto aos sobreviventes do povo Xetá, mas também junto a outros povos indígenas, como os Boróro, os Kayapó, os Karajá, os alto-xinguanos e os Urubu-Ka’apór, parece não ter despertado nenhum interesse por parte de Loureiro. Uma parte de sua coleção de materiais etnográficos, inclusive de suas aquarelas ilustrando pessoas e coisas indígenas, foi adquirida em 1967 por uma fundação canadense, e uma parte de seu conhecimento foi elaborada por escrito e publicada com o apoio do antropólogo Robert Carneiro, do Museu Americano de História Natural, de Nova York [*The Héta Indians: Fish in a Dry Pond*. (Anthropological Papers of the American Museum of Natural History, New York, 1979)]. Só após sua morte foi outra parte do acervo, como espólio, destinada ao Museu Paranaense, acredito que pela intervenção de Oldemar Blasi e Edilberto Trevisan. Este último traduziu para o Português e publicou em 1981, a importante monografia de Kozák sobre os índios Xetá, por ele denominados Héta [Os índios Héta: peixe em lagoa seca (*Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, v. 38, p. 11-120, 1981)].

CONCLUSÃO

Os fragmentos de memória recuperados acima em função da lembrança do dr. José Loureiro Fernandes, na passagem do seu centenário, ainda que - justamente por tratar-se de memória - possam parecer muito centrados em mim, servem para corroborar o que, a partir de outros ângulos, já deve ter sido reconhecido em outros depoimentos: Loureiro Fernandes, não obstante as restrições que possam ser feitas

a diversos aspectos de sua atuação como antropólogo, foi sem dúvida o principal promotor da pesquisa científica no Paraná, especialmente nas décadas de 1940 e 1950. Instituições que integram hoje o patrimônio cultural e científico do Paraná devem sua origem ou diretamente a ele, ou à cooperação dele. Tais são, daquelas com que eu convivi, o Museu Paranaense, a Universidade Federal do Paraná e seu Departamento de Antropologia, o Museu de Arqueologia e Etnografia em Paranaguá, o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas.